

## FICHA TÉCNICA

Título original: *The Young World*

Autor: *Chris Weitz*

Copyright © 2014 by Chris Weitz

Todos os direitos reservados por Malbus Holdings, Inc.

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2016

Tradução: *Rita Figueiredo*

Design © Neil Swaab

Capa © 2014 Hachette Book Group, Inc.

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 400 754/16

1.ª edição, Lisboa, janeiro, 2016

Reservados todos os direitos

para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

## JEFFERSON

É mais um deslumbrante dia de primavera após a queda da civilização. Estou a fazer as minhas rondas, seguindo o caminho que corre por Washington Square Park como um símbolo retorcido do infinito. Passo por mesas onde homens velhos costumavam jogar xadrez, onde agora é a oficina do Brainbox ao ar livre. Depois a fonte, testemunha de inúmeros primeiros encontros, ofertas de marijuana, ruidosas investidas aquáticas de crianças. Agora é o reservatório da tribo, coberto com lona para proteger das fezes dos pombos e da formação de algas no interior.

A estátua de Garibaldi, ou Gary Baldy, como lhe chamamos, está enfeitada com grinaldas de plástico, ornamentos carnavalescos, adornos de *rapper*. Troféus de expedições de saque em terras desconhecidas fora de portas. Os bairros condenados, Broadway, Houston, as galerias de tiro da West Village. Gravadas no pedestal há lembranças dos mortos. Instantâneos de mães, pais, irmãos e irmãs mais novos, animais domésticos perdidos. Aquilo a que a Mãe costumava chamar «fotografias reais», para as distinguir das imagens digitais. Cópias impressas estão agora onde se perdem milhões e milhões de memórias na nuvem. Um oceano de uns e zeros sem significado.

Através do arco de pedra com Washington (Washington, o fundador do Nosso País, não Washington, o meu irmão mais velho) a cavalo, pode ver-se toda a Quinta Avenida, até ao edifício Empire State. O fumo ainda emana dos andares mais altos. Os miúdos dizem que é onde Ele vive, O Velho, o único adulto que sobreviveu Ao Que Aconteceu. Os miúdos dizem uma data de coisas.

Onde antes havia relvado e flores, baloiços e zonas para os cães correrem, existem agora filas e filas de vegetais. O Frank está a organizar um grupo de trabalho. E eles aceitam. O rato do campo de ontem é o salvador de hoje. O Frank cresceu numa quinta e, entre nós, é o único que sabe plantar coisas. Sem ele, sofreríamos de raquitismo, escorbuto ou qualquer coisa com que nunca nos teríamos preocupado Antigamente.

Uma excursão de pilhagem entra pela porta de Thompson Street. Alguns enlatados, algum gás desviado para os geradores. Um pequeno motor de um *Honda 2000i 2k* vermelho serve para carregar pilhas de *walkie-talkies* e outros equipamentos essenciais. E também um ou outro luxo, como um iPod ou um Gameboy, se conseguirem convencer o BB a deixar-vos ligá-los.

As folhas restolham com o vento e dos ramos altos saltam para a morte. Uma rajada sopra de norte, arrastando o aroma de plástico queimado e carne podre.

O meu *walkie-talkie* volta à vida.

— Temos companhia vinda do sul pela Quinta Avenida. Escuto.

É a Donna, do outro lado do parque. Corro para lá.

— A que distância? — pergunto. Quando não obtenho resposta, pergunto-me se terei carregado bem no botão «falar». Mas a voz dela surge novamente:

— Não disseste «escuto» — acrescenta. — Escuto.

— Credo, Donna, escuto? Está bem assim? Escuto, escuto. Quantos e a que distância, *escuto*?

— Estão a meio caminho entre a Nona e a Oitava. São cerca de dez. Bem armados. Escuto.

— Não são dos nossos?

Pausa.

— *Escuto*?

— Não são dos nossos.

A Donna consegue praticamente ver o que se passa imediatamente abaixo de si, do seu ponto de observação fora da muralha, num prédio bem alto na Oitava. Consigo vislumbrar o cano da sua espingarda a espreitar de uma janela.

— Não disseste *escuto* — respondo.

— Ups. Escuto. Queres que dispare? Estão exatamente por baixo de mim, mas assim que passarem consigo ter mira. Escuto.

— *Não*. Dispara. Escuto.

— Tudo bem, é o teu funeral. Diz-me se quiseres que os mate. Escuto.

Está na hora de dar o alarme.

Perto de cada entrada do Parque, aparafusada a uma árvore, existe uma buzina antiga. Sabe Deus onde o Brainbox a encontrou. Rodo o manípulo, cuja inércia me dificulta o movimento e mói os tendões. O gemido começa por ser lento e baixo, e, assim que a engrenagem pega, transforma-se num grito vindo do inferno.

Assim que rodo a manivela penso nas calorias: quanta energia estarei a despender, quanto terei consumido hoje. Quando não consumimos mais do que gastamos, começamos a morrer. Penso inutilmente em hambúrgueres e batatas fritas e bolinhos de canela. Iguarias históricas e luxos impensáveis.

Sessenta segundos depois, as nossas posições de ataque estavam apinhadas.

Seis armas, uma boa parte do nosso arsenal, apontadas para a Quinta Avenida pelas aberturas de um autocarro escolar blindado que bloqueava a rua. Mais a espingarda da Donna atrás deles. As portas dos edifícios perto da barricada estavam tapadas há meses e a rua estava desimpedida para tiroteios.

O Wash juntou-se ao grupo. Estou à espera de que ele assuma a liderança. Mas o Generalíssimo Washington apenas encolhe os ombros. É a tua vez, *maninbo*.

— Estão armados até aos dentes — digo. Tipo, *não é altura para treinos*.

— Espero que tenhas um plano — diz o Wash.

Muito bem. Ponho a AR-15 ao ombro e corro para o autocarro escolar.

As almofadas de couro sintético estão todas rasgadas. As paredes estão grafitadas com humor negro:

**FESTA À NOITE CÁ EM CASA! PAIS MORTOS.**

**«QUE SE LIXE O MUNDO» - EU. «NÃO, QUE TE LIXES TU!» - O MUNDO**

**LEMBRA-TE! HOJE É O PRIMEIRO DIA DO RESTO DO FIM DE TUDO.**

Passo pelos miúdos na linha de fogo. Reparo que, mesmo tendo o mundo ido para o caraças, as pessoas ainda mantêm um sentido estético. As oportunidades de saque na nossa zona em particular ajudaram a criar visuais muito ecléticos. Sobretudo *Prada* com insígnias militares, vestidos de ar campestre com cintos de munições. Um gajo, o Jack, até se travestiu totalmente. Não é como se os pais pudessem pô-lo fora de casa. E ninguém vai lutar com ele. O tipo tem um metro e oitenta de altura e a constituição de um tanque.

Nota pessoal: era mesmo bom ter um tanque.

Lembro-me de ter lido nalgum lado que os soldados do exército de Napoleão que fizeram as perigosas missões de reconhecimento davam nas vistas e vestiam-se em grande estilo. Chamavam-lhes a guarda avançada, ou a Vanguarda.

Isto faz-me lembrar aqueles livros do Patrick O'Brian, com as fileiras de homens preparados ao lado dos canhões, e aquele filme que fizeram com o tipo australiano, e apetece-me dizer qualquer coisa como: *Calma, pessoal. Esperem pela ordem.* Mas parece-me um pouco foleiro, portanto dou-lhes em vez disso uma palmadinha nas costas ou no traseiro, como se estivessemos a preparar-nos para um grande jogo.

— Ei! — responde uma das artilheiras, quando lhe dou uma palmada no traseiro. É aquela miúda, Carolyn, a loura que era uma muito princesinha antes Do Que Aconteceu. Ups! Mesmo depois do Apocalipse, as miúdas não gostam de palmadinhas no rabo.

— Desculpa — respondo. — Não era uma coisa sexual. — Tento mostrar-me calmo e descontraído.

Ela lança-me um olhar do tipo, *Podes crer que não é sexual*, mas não tenho tempo para explicar. Deslizo para o posto de observação que o Brainbox construiu no lugar do pendura.

Eles são dez, tal como a Donna disse; ela tem bom olho. Todos homens, penso. Já com uma idade avançada, talvez dezasseis ou dezassete anos. Usam camuflado verde, o que é totalmente inútil nesta cidade. As roupas estão enfeitadas com várias condecorações militares e merdas do género. Todos usam uma espécie de brasão de uma escola qualquer ao peito. Também usam pequenas caveiras estampadas nos ombros, tal como as bandeiras em miniatura nos aviões de guerra.

Há um tipo com uma daquelas metralhadoras brutais, do tipo das que se municionam com cinta. Uma *BAR*? O Wash é que sabe o nome delas. Também estou preocupado com o lança-chamas que outro tipo tem e que, segundo vejo, acende com um *Zippo* antigo.

Bandoleiras de granadas, arpéus de abordagem — *tudo*. AR-15 como a minha. Devem ter assaltado um depósito de armas.

— Qu'ê que querem? — grito. Agressivo, mas não muito pretensioso. Tal como o Wash faria.

— Quero falar com o chefe — responde um dos estranhos, um miúdo louro, dezassete anos talvez, olhos azuis, maçãs do rosto salientes. Com corpo de *quarterback*. Do tipo de que eu não gostaria antes Do Que Aconteceu. Do tipo que detesto ainda mais agora.

Toda a gente no autocarro espera que o Wash diga qualquer coisa. Mas ele deixou-me aqui sozinho; obrigado, mano.

Viro a boca para o megafone. Ai. Tenho de pedir ao Brainbox que ponha uma proteção almofadada na abertura para a boca.

— Eu sou o chefe.

— És novinho para seres chefe. — Diz o Bochechas. Os nossos olhares cruzam-se através do vidro à prova de bala.

— Sou o chefe, OK? Que é que queres?

Mas o Bochechas não quer ir ao cerne da questão. Faz uma vénia e começa a fazer um discurso como se tivesse saído da *Guerra dos Tronos*.

— Saudações ao Clã de Washington Square da parte da Confederação da Alta. Queremos propor uma parlamentação.

Um dos rapazes da nossa linha de fogo solta um risinho, e parece-me que eles ouviram, porque olharam um para o outro como se estivessem à espera de uma resposta formal.

— Parlamentação significa... — diz o Bochechas.

— Eu sei o que *parlamentação* significa, meu — respondo. — Podias dizer só que querias falar.

— Tudo bem. Queremos *falar*, OK? Queremos falar de negócios. Empurraram para a frente qualquer coisa presa numa trela.

É um porco. Não um porco cor-de-rosa com o rabo enroladinho, mas um porco, grande e malcheiroso.

Proteína animal.

Sabe Deus como o trouxeram da zona alta, por quilómetros de território hostil. *Parecem* um bocado moídos e um deles parece ter um ferimento de um tiro; pelo menos tem o braço ligado e o sangue está ainda vermelho-vivo. Um confronto recente, provavelmente perto da Union Square. Ouvi o tiroteio esta manhã. Se bem que ouço tiroteios todas as manhãs.

— OK, presumindo que o porco não é vosso namorado, sobre o que é que estamos a «parlamentar»?

O Bochechas não gosta de mim, mas está aqui para fazer as coisas, portanto diz:

— Sim, espertinho, é isto que estamos a negociar.

— OK, sou um homem sensato. O que queres por ele?

Finalmente começa a falar:

— Este porco é uma recompensa vinda da quinta de Hansen, na zona norte. Cem por cento Orgânico e de Qualidade, certificado pela USDA.

— Tens noção — digo — de que a USDA já não existe e que comer alimentos orgânicos é a menor das nossas preocupações.

— Como queiras. O irmão dele era delicioso.

Olho para o Frank. Ele encolhe os ombros:

— Parece apetitoso. Bom e gordo.

— OK — grito para o Bochechas — parece um bocado magricela, mas talvez possamos negociar. O que é que queres por ele?

E é aqui que as coisas ficam mesmo estranhas, porque o tipo diz:

— Duas raparigas.

Há uma pausa, ou aquilo que podia descrever como um momento de descrença.

— Repete, por favor?

O Bochechas volta a entrar em modo Tolkien e enuncia:

— Trocaremos o porco por duas fêmeas.

A palavra difícil do dia é: «perplexo».

— Queres dizer, fêmeas humanas? — pergunto, e o tipo encolhe os ombros como se fosse a coisa mais natural do mundo. *Sim*, duas miúdas por um porco. Qual é o problema?

A Donna fala pelo *walkie-talkie*:

— Jefferson? O que é que ele quer? Não consigo ouvir. Escuto.

Pensando que é melhor não dizer à nossa feminista atiradora compulsiva que estes camelos querem trocar porcos por miúdas (e a uma taxa muito pouco lisonjeira, agora que falamos nisso), não respondo.

— Estoouuuu? O que é que se passa? Escuto.

— Estou a tratar do assunto, Donna, muito obrigado, escuto.

Mas *como* é que estou a tratar do assunto? As raparigas na linha de fogo estão a olhar para mim.

Pigarreio:

— Hum, bem, manos, de que diabo estão a falar? Enfim, lamento que se sintam solitários, mas...

— Nós temos muitas mulheres, mas queremos mais — diz um matulão do grupo dos da Alta, que empunha um taco de *lacrosse* com

uma granada. *Porquê*, porque é que o mundo se está a armar em Mad Max para cima de mim? O Bochechas olha para o segundo tipo, como se não quisesse outra pessoa a falar.

— O meu colega está certo — responde —, temos muitas mulheres, muita comida, muita coisa na Alta: eletricidade, água canalizada, tudo o que elas querem. Sei lá, maquilhagem e tretas dessas. Olha.

O Bochechas olha para a única rapariga do seu grupo, uma loura bonita com ar zangado. Ela dá um passo, ou é empurrada, para a frente.

— Fala-lhes da Alta — ordena ele. — Diz às miúdas que não têm nada com que se preocupar.

Mas ela não diz nada. Observo-a com mais atenção, provavelmente por causa da palavra «maquilhagem», e não deixo de notar um tom avermelhado no lado esquerdo da sua cara, que é a área afetada quando alguém é esbofeteado com a mão direita.

Aquilo não me agrada. Nem mesmo se existissem raparigas no nosso grupo a querer sair. Não as mandaria com estes idiotas, e diabos me levem se trocava uma pessoa por um porco, mesmo tendo saudades de *bacon*.

— Posso atirar naquela cabra? — pergunta a Carolyn, e penso que estará a falar da miúda do grupo, e pergunto-me: «Porque quererá atirar *nela*?» Não sei se alguma vez vou compreender a cabeça das raparigas.

Em todo o caso, ela puxa a corrediça da espingarda e eles ouvem, porque se segue uma sequência de armas a serem apontadas e cartuchos a serem inseridos e fechos de segurança a serem libertos por parte dos do grupo da Alta, que se põem de joelhos e de barriga para baixo e apontam aos nossos esconderijos. Penso que as suas espingardas vão trespassar este lado do autocarro pelas placas reforçadas e que vamos todos morrer.

— Aqui é a Donna, escut... — desligo o *walkie-talkie*.

Onde é que está o Wash? Não está em parte nenhuma. Deixou isto tudo para o Filho Número Dois.

Então o Frank grita:

— Acham que estamos aqui a jogar *Call of Duty*? Em modo multijogador? Com *wi-fi* ou algo do género? Vão ser todos mortos e simplesmente *renascer* noutra sítio qualquer? Não há X-Box aqui, nem se *renasce*, por isso tenham calma.

Ele tem razão. Ninguém *renasce* aqui, a não ser as ratazanas. Não há maneira de acabar com *elas*. Mata-se uma e aparece outra.



— Ponte para nenhures — digo, ao lembrar-me da frase ouvida na minha infância. No meio daquelas pessoas prontas para se matarem umas às outras, tem uma sonoridade especial.

— Então? — pergunta o Bochechas.

— Obrigado, mas não, obrigado — respondo. — Ponham-se a milhas, *Confederação da Alta*.

— Vamos falar com os *pescadores* — grita o Bochechas. Está a negociar.

Os Pescadores vivem na zona sul e, segundo me lembro, ocuparam um grande navio, o *USS Pequim*. Suponho que preferem que lhes chamem «piratas», mas paciência.

— Diz-lhes olá. Curtam o *sashimi*.

Mas eles ficam ali parados. Até parecem satisfeitos com o descanso. Foi quando percebi que não estavam interessados em ir a lado nenhum propor o seu negócio. Não têm um plano B. O porco tem de ir. Isto é muito mau, porque eles estão sem opções e nós também.

— Nós podemos *levar* o que precisamos — diz o Bochechas.

Não mostres fraqueza. O Wash diz isso, mesmo que saiba que vai ganhar, um predador tem de pensar se vai ficar magoado enquanto caça a sua presa.

— Não, não podes. Tem um bom dia juntamente com o porquinho.

Vejo-os a murmurar entre si...

E vejo o tipo do *lacrosse* a aproximar a mão do anel da granada...

E...

*Um tiro.*

As pessoas costumam dizer coisas como «um tiro soou», mas não há nada melódico nisto. É percussivo. *POC!* Apaga todos os nossos sentidos por momentos, especialmente porque o nosso instinto é apertar as pálpebras com força e tentar encontrar o buraco mais próximo no chão.

Grito para o *walkie-talkie*:

— Donna, eu disse para não disparares!

— Não fui eu, Jefferson, escuto.

Toda a gente fica paralisada, nós, eles, e todos gritam uns para os outros como se fazia na televisão ou nos filmes, com todo o tipo de ameaças e pragas, mas nenhum dos nossos é atingido, nem nenhum deles.

O porco.

Os olhos dele reboam para cima como no que se pode chamar um momento cómico. Como se estivesse a inspecionar o novo

buraco na sua cabeça. Cai para o lado, desengonçado, e faz um baque ao cair, com as patas a contorcerem-se.

— Não disparem! — grito, assim que os meus rapazes (e raparigas) agarram nas armas e fazem pontaria.

Dois dos da Alta agarram nas pernas do porco e tentam movê-lo, mas se a coisa era tão pesada quando estava viva, *morta* era ainda pior. Não quer colaborar. Os mortos manifestam uma indiferença assustadora.

Com todo o trabalho que tiveram para o trazer para esta zona da cidade, não têm forma de levar o porco de volta, com o sangue a atrair os cães selvagens que encontram pelo caminho.

Deve ter sido essa a ideia do Wash.

O meu irmão mais velho. Está de pé em cima do muro, alto e bonito, a descoberto dos inimigos que agora têm todas as armas apontadas a ele.

— Força, atirem — diz o Wash. — Amanhã é o meu décimo oitavo aniversário.

Tenho tentado não pensar no assunto. Mas ele está certo. Não tarda... não se *renasce*. Por isso está a desafiá-los a matarem-no.

E nem sequer se despediu. É egoísta, mas é o que penso. *Ele nem sequer se despediu*.

O Wash mantém-se em cima do muro como uma estátua, em contraluz, a saudar o futuro.

O Bochechas, que parece querer mesmo, *mesmo* disparar contra o Wash, baixa a arma e sorri.

— Não — diz —, não te vou fazer nenhum favor. Aprecia a Doença.

Os da Alta discutem entre si. Alguns querem invadir o nosso território e o resto deseja apenas ir embora dali. O Bochechas tenta finalmente calá-los e eles desistem, recuando e apontando os canos das armas em todas as direções num movimento que parece tirado de um videojogo.

— Isto não acabou — grita o Bochechas.

— Boa — responde o Wash. — Volta com feijão para acompanhar.

Ao fim de mais ou menos uma hora, quando tivemos a certeza de que se tinham ido embora de vez, e não estavam a usar o porco como isco para disparar sobre nós, arrastámo-lo para dentro, afugentando os ratos.

## DONNA

Em muitos dos livros que lemos, o autor acha muito fixe ter um «narrador pouco fiável». Para nos manter à nora e para reconhecer que não existem absolutos e que tudo é relativo, ou lá o que é. O que me parece um bocado mau. Portanto — só para que saibam —, vou ser uma narradora *fiável*. Tipo, completamente. Podem confiar em mim.

A primeira coisa que vos digo acerca de mim é que não sou bonita. Se estão a tentar visualizar-me nas vossas cabeças, não imaginem uma estrela de cinema nem nada do género.

Talvez uma rapariga comum, a rapariga da casa ao lado. Embora isso seja um pouco diferente em Nova Iorque, porque não vivemos em casas, vivemos todos em apartamentos empilhados. Lembro-me da primeira vez que vi um programa de televisão sobre os subúrbios, onde as pessoas, tipo, brincavam no jardim das suas casas e iam de bicicleta para toda a parte, e lembro-me de pensar que era tudo muito *exótico*.

Portanto... uma rapariga comum? Sei lá. O que quero dizer é que não tenham grandes expetativas. Sou uma atriz secundária. A melhor amiga com aspeto de duende e meio tresloucada, não a rapariga com grandes pernas, grandes seios e dentes perfeitos.

Quero dizer, também não sou nenhum monstro, é só que, mesmo nesta nova ordem do fim do mundo, não me sinto completamente feliz com o meu corpo. Talvez seja da falta de proteínas. Provavelmente não devia estar a preocupar-me com isto. A vida é demasiado curta.

Ah, ah. A vida é demasiado curta.

O meu pai costumava dizer isso. Eu costumava chamar-lhe «Pai» para o chatear, porque ele queria que o tratasse por «Hal», o que não é assim tão estranho, já que era o nome dele, mas *a sério*, já não estamos nos anos sessenta e não é por eu lhe chamar Hal que ele vai passar a ser mais novo. Não, as raparigas com quem ele queria ter sexo continuavam a ser... como é que hei de dizer isto? A ter idade para serem filhas dele. *Blbec*.

Bem, agora estás morto, *Harold*, e a Mãe também, bem como todos os outros malditos adultos. Que grande falhanço. E os miúdos pequenos. Todos os miúdos pequenos. O Charlie.

Portanto, há *alguns* motivos pelos quais estou chateada com os meus pais. O facto de me terem dado o nome da Madonna — e não me refiro à mãe de Jesus, mas à que cantou «Vogue». *A sério*.

Mas vou mudá-lo? Não. Toda a gente está a mudar de nome, porque concluíram que não há motivo para não o fazerem. É tipo: «Olá, eu sou a Katniss.» Ou «Sou a Threeyoncé». Ou «Podes chamar-me Ishmael». Não quero saber. Quero manter *algumas* coisas do Antiga-mente, mesmo que sejam foleiras.

Sim, portanto, o problema da (Ma)Donna, do ponto de vista nutricional, é que as proteínas são difíceis de encontrar. Hidratos de carbono? Sem dúvida. Ficariam chocados ao descobrir quanto tempo *dura* o pão não orgânico de má qualidade, o pão-maravilha, antes de começar a ganhar fungos azuis. Às vezes as ratazanas apanham-no primeiro. E o que é que nós comemos nesses casos? As ratazanas. Que é tipo como se estivéssemos a comer o pão na mesma, não é? Afinal, as ratazanas comeram o pão, nós comemos as ratazanas...

E que mais comem as ratazanas? Antes de as comermos? Bem... é melhor não falarmos disso.

No início queimávamos muitos cadáveres. A purificação pelo fogo, como o Wash lhe chamava. Dizia que uns tipos chamados zoroastrianos costumavam fazê-lo. Sim, escrevi bem. Posso não falar só com palavras caras como o Wash e o Jeff, mas nem pensar que deixo que me ganhem, a saber mais palavras difíceis e cenas dessas.

Purificação pelo Fogo! Bons tempos, esses. Molhava-se um lenço em *Chanel N.º 5*, calçavam-se umas luvas cor-de-rosa da *North Face* e bastava! Fazíamos uma grande pilha de corpos e tentávamos não usar demasiada gasolina nem vomitar o almoço insuficiente daquele dia.

Mas não havia mãos suficientes para o tempo de que dispúnhamos para nos livrarmos de todos os corpos; e eles ainda lá estavam, milhões

deles, a decomporem-se lentamente, a pulsar com as larvas. Foi um ano em grande para os animais que consomem carne em decomposição.

Espero não vos ter estragado o apetite. É que quando o porquinho é morto e aqueles palermas de sabe-se lá onde dão à sola, só penso: *churrasco!* E assim que me libertam do trabalho de vigia (posso parecer uma grande preguiçosa, mas a verdade é que sou uma menina muito bem-comportada. Se os meus professores soubessem!), vou direitinha para a praça, a morder os calcanhares do Frank. Ele manda um bando dos nossos atar a carcaça pelas patas traseiras e içá-la num ramo de uma árvore, e eu só penso em sanduíches de porco! Costeletas, pé de porco, focinho, o que for, e faço uma pequena dança de comemoração, mas depois...

Depois vejo o Jefferson, e ele vê-me e não parece feliz, e eu lembro-me — ele estava de pé em frente de todas aquelas armas como um imbecil e eu percebo, 1-2-3, oh, eu percebo, é por isso... é por isso que o Jefferson parece tão zangado. E nessa altura sinto-me uma imbecil.

Sabem, quando uma pessoa tem fome, só pensa com o estômago. Tipo, é o estômago que está mesmo *a pensar*. Ouvi dizer algures que o nosso estômago tem tantos recetores de serotonina como o cérebro. Portanto, somos como aqueles dinossauros que tinham dois cérebros. Também somos como os dinossauros noutros sentidos. Por exemplo, estamos em vias de extinção.

O dinossauro preferido do Charlie era o estegossauro. Tinha um de peluche chamado *Spike*.

Para com isso.

Percebo então que o Wash está a tentar cometer suicídio passivo — era como costumavam dizer quando um imbecil qualquer decidia que a vida não valia a pena (e isto nos tempos em que a vida *valia* a pena) e avançava contra os polícias de arma em punho para os obrigar a disparar...

Ou simplesmente queria *muito* uma sanduíche de costeleta e achou que valia a pena arriscar.

Estou um pouco curiosa, portanto vou ter com o Wash, que está de pé junto da árvore onde estão a içar o porco. Ele está a prender a corda com um gancho de um atrelado preso a um tubo de aço reforçado no chão.

O Wash lidera sempre por exemplo. O corpo de agentes do «Pocky». (É a minha alcunha fofinha para o Apocalipse. Também é o nome de uns doces japoneses deliciosos.) Pergunto-lhe o que o motiva, diplomaticamente.

— Então que merda foi essa, meu?

Ele continua a tentar fazer o nó complicado.

Wash:

— Qual merda?

Eu:

— Ah... Não sei... deixa *ver*... a parte em que te plantaste à frente de um monte de anormais com armas e os desafiaste a reben-tarem-te os miolos?

O Wash aperta o nó e encolhe os ombros. Levanta-se e fita-me finalmente.

Eu:

— As pessoas precisam de um líder. — Aquilo não me parece muito certo, saído da minha boca. Não é o tipo de coisa que costume dizer. Mas é verdade.

Wash:

— Pois, mas seja como for, vão ter de encontrar um novo em breve.

E depois afasta-se. Coisa que nunca se deve fazer a uma pessoa com quem quase se fez aquilo que vocês sabem. É falta de educação.

Portanto, estou muito chateada. Mas então ele vira-se, sorri e diz:

— Oh, estás convidada para o meu churrasco de aniversário. Esta noite. O tema é... — faz uma pausa para pensar.

Eu:

— Pós-apocalíptico?

Ele ri-se.

— *Pré*-apocalíptico. Vamos fingir que enviamos *tweets* uns aos outros. Vamos falar do novo iPhone que não vai sair. Atualizar o nosso estado no Facebook.

Eu:

— Vamos perguntar se *esta roupa nos faz parecer gordos*. Fazer *download* de toques para o telemóvel.

Wash:

— Sim, vai ser fantástico.

E ele volta a afastar-se. Mas calma aí! O irmãozinho Jeff está mesmo ali em frente dele, segue-o, empurra-o, preparam-se para lutar. O Wash e o Jeff. *Esses* é que tiveram uns grandes pais. Chamaram Washington e Jefferson aos filhos. Aposto que era só coisas como «Filho, está na altura de te ensinarmos a Regra de Ouro», e fazer vela aos fins de semana ou escamar peixe ou o que quer que fosse, não pessoas que nos perguntam onde arranjamos erva porque o *dealer* delas foi preso.

Enfim.

Não consigo perceber o motivo da discussão, mas é séria. O Wash está a tentar abraçar o Jeff, tipo, «está tudo bem», e o Jeff claramente *não* está bem, e suponho que no lugar dele eu também não estaria. Finalmente, o Wash consegue mais ou menos abraçá-lo à força e eu desvio o olhar, porque os rapazes detestam que os vejam a expressar emoções.

Compartimentalizar. É o que o Wash lhe chamava. Pomos os nossos sentimentos num compartimento e a nossa mente noutra. E perguntei-lhe, erguendo o olhar com a cabeça pousada no corpo dele:

— De que tamanho é a caixa onde meteste o teu coração? — E ele olhou para mim e não disse nada, e foi então que percebi que a relação entre a Donna e o Wash não ia ser uma de amor no meio das ruínas.

O Frank está a berrar com toda a gente, a querer saber onde está a lona e o balde. Porque planeia recolher todo o sangue para fazer chouriço de sangue com os intestinos, coisa que há uns dois anos me teria dado vômitos, mas que agora me deixa ainda com mais fome.

*Rrrrip!* é o som da faca do Frank pelo centro da barriga do porco, e *plop!* consegue abrir a caixa torácica com a faca e a mão, e depois faz um corte e todas as entranhas do porco caem facilmente para a lona, como se isto fosse uma das máquinas do Brainbox e ele tivesse acabado de puxar uma alavanca ou algo do género. E o Frank desata a «apanhar o sangue», acompanhado por todos os seus ajudantes que apanham o sangue para baldes. Decido ir para casa, não por estar demasiado enojada, mas por estar com demasiada fome.

A minha casa não é longe — 25 Washington Square Norte, uma casinha engraçada com quatro pisos e uma porta verde. É uma casa excelente, mas a oferta é muita.

Somos apenas cerca de uma centena aqui na praça. Praticamente todas as pessoas têm uma bela casa, à exceção do Brainbox, que vive na biblioteca. Quero dizer, ele vive *literalmente* na biblioteca Bobst Memorial.

Eu gosto do lado norte da praça — não fica longe do meu ponto de vigia, tem boa luz. Seis quartos. Sim, subi na vida.

Decorei-a num estilo tipo Eclético Fim dos Tempos. Uma poltrona encontrada aqui, uma palete de leite ali, mais uma ou outra peça de madeira que salvei das fogueiras do inverno. E não podemos esquecer as ratoeiras. Sabiam que «yakitori» é um anagrama da expressão «yak — ratos»? OK, não é bem, mas perceberam a ideia.

Vou ver os meus Impacientes ao primeiro piso. Já disse que sou a médica da tribo? Sim. A minha mãe era enfermeira. Costumava levar-me para as Urgências quando não arranjava *babysitter*, e é provavelmente por isso que consigo tratar os vários ferimentos, hematomas e ossos partidos do Pocky.

Olho para o joelho do Eddie Hendrix. O inchaço desapareceu. Vai ficar fino num instante, mas o teste de tensão diz-me que o LCA está danificado e que a tibia vai continuar a saltar ocasionalmente. Pelo menos é o que diz o meu velho Manual da Merck. Antigamente, este problema podia ser resolvido com um enxerto da rótula ou mesmo com um aloenxerto de um cadáver. Agora... tem direito a uma ligadura se tiver sorte. É bem feito para aprender a não andar a pôr a vida em perigo a jogar basquetebol fora dos muros.

O Duddie também está a melhorar. Não tenho como saber se era *streptococcus* até alguém ir fazer mais uma ronda aos hospitais, mas cerca de 60% de nós têm na garganta um grupinho de *streptococcus* à espera de saltar cá para fora. Quis tê-lo aqui para impedir que infetasse mais alguém. E também não é nada desagradável à vista.

Depois de concluído o trabalho de enfermagem, vou para cima ler um pouco. Estou a estudar para o meu doutoramento em estruturas sociais pré-apocalípticas na Universidade da Donna. Atualmente estou a pôr em dia as leituras da revista *US Weekly* de 2011.

O meu quarto é a minha divisão preferida na casa. E isso porque não existe lá o menor vestígio do meu passado. Muitas raparigas forraram as paredes com fotografias da família, com as coisas a que estão habituadas, Disneylândia, póneis, amigos, festas, esse tipo de coisas. Quero lá saber. Façam uma bela farra com os vossos fantasmas. Suponho que é, ainda assim, melhor que os quartos de alguns rapazes, cheios de pornografia. Querem um conselho, rapazes? Não há nada como uma imagem de uma vagina pendurada por cima da cama para terminar mal um encontro.

Anoitece muito cedo e chega a hora de acender as velas.

Algumas pessoas sentem muita falta da eletricidade, a escassez dos confortos modernos, eletrodomésticos, banhos quentes, de todas as coisas que costumávamos tomar por certas.

Eu sou uma dessas pessoas.

Estou cansada desta experiência de campismo urbano. Não vou fingir que a luz de velas é romântica, tipo, *oh é tão boa para ler e*, em certa medida, ganhámos muito. *Nunca damos valor ao que temos até o perdermos*. OK, JÁ PERCEBI. Quero aquecimento central. Quero televisão. Quero um *secador de cabelo*. Processem-me.



A escuridão que se aproxima é como a morte em câmara lenta. É como O Que Aconteceu, todas as noites.

Mas pela janela entra um cheiro maravilhoso...

Porco.

E eu desço as escadas e saio porta fora, e prometo trazer pratos para os meus Impacientes, prometo-lhes salada de couve, biscoitos, tarte de noz-pecã, todo o tipo de coisas.

OK, a Praça Washington Square *fica* mesmo bonita à luz da fogueira. Todos os archotes montados nos candeeiros de rua estão acesos. Estão espalhados pelos nossos doze hectares e meio de purgatório, pintando de vermelho e amarelo tudo à sua volta. A luz... bem, essa pode não ser forte, mas consome oxigénio como nós. Está viva.

Os caminhos estão assinalados por luzes de jardim a energia solar vindas da Target. São péssimas para iluminação, mas impedem que tropeçemos nas feijocas. E eu salto, estou realmente a saltar para o meio da praça com a minha tigela. Os corredores já estão a dirigir-se para os postos de vigia, com comida para os que lá estão. Todos os outros estão a fazer uma fila ordeira e ali, espetado numa barra para elevações e a assar num banco para elevações adaptado que o Brainbox deve ter encontrado algures, virado manualmente por cima de uma fogueira feita com cadeiras da biblioteca esmagadas, está o porco.

Todos lemos *O Deus das Moscas* sei lá... no sexto ano? Portanto sabemos que temos de cozinhar bem o porco, senão adoecemos.

O Frank atira uns bons nacos da barriga para um tabuleiro.

— *Cubram-nos* com sal — diz. Vi o futuro e é *bacon*.

Há um monte de cadeiras e sofás velhos na praça. Ganham bolor quando chove, mas agora estão secos e confortáveis. Podemos deitar-nos neles e ver as estrelas. Com o vento a soprar na direção certa, a afastar o fumo das fogueiras da zona alta, conseguimos ver as estrelas como se estivéssemos no campo. Podemos ver as estrelas e não nos preocuparmos connosco.

Ouve-se o som de uma guitarra — é o Jack Toomey, graças a Deus, e não o Jo, que só toca músicas dos Beatles. Aparecem cervejas vindas não se sabe bem de onde. Porque os adultos não estão, entendem? Outros miúdos andam a fumar erva que encontraram plantada em alguns terraços. Lá em cima ela cresce como... bem, como ervas. O Wash proibiu as drogas e bebidas brancas, o que faz sentido: temos de estar atentos, caso contrário alguém pode atacar-nos e abrir-nos a garganta.

O Brainbox guarda parte do seu precioso gás para um dos seus preciosos geradores. Chama-lhes *Jennies*. Demos nome a todos eles — Jenny Jones, Jenny Craig, J-Lo, Jenny A-gutter, que entrava num filme qualquer sobre a Austrália de que o Jeff gosta. E assim, esta noite a Jenny Honda Garth está a passar para nós um filme em *blu-ray* projetado num lençol suspenso entre duas árvores.

É o preferido da nossa tribo: *A Guerra das Estrelas. Episódio Quatro: Uma Nova Esperança*. O que é confuso, por ser basicamente o Episódio Um, mas que se lixe.

Muitas miúdas não percebem *A Guerra das Estrelas*, ou só sabem que querem mascarar-se de Princesa Leia no Dia das Bruxas, a parte em que ela está toda boa com o biquíni dourado. Quando era pequena, eu queria ser o Han Solo. O tipo era um durão a sério. *E* um traficante de drogas. Quero dizer, aqueles compartimentos ocultos no *Millennium Falcon* não eram para sabres de luz pirateados.

Pergunto ao Jefferson quem ele gostava de ser e ele responde:

— O Luke, claro. — Claro.

Eu:

— Acho que és mais do tipo C-3PO. — Ele cora.

O Jefferson e eu temos uma guerra amigável desde o infantário. Eu faço pouco dele por ser demasiado certinho. Ele é, tipo, o Gajo Que Usa Sempre Frases Corretas. Chateia-me a cabeça por praguejar demasiado e por estar sempre a dizer «tipo».

Tipo, e depois? Mas atenção, toda a gente pensa que «tipo» é apenas uma muleta sem significado, como calorias vazias ou algo do género, mas a minha teoria é que tem sido injustamente difamado.

Pensem nas metáforas. São, tipo, as queridinhas da linguagem. Não se pode escrever poesia sem elas. E o que é uma metáfora? É só dizer que uma coisa é *como* outra. Na verdade, podemos dizer que, quando falam, as pessoas estão apenas a fazer comparações. Isto é bom, isto é mau, sujeito-verbo-predicado. É por isso que «tipo» é uma palavra tão útil. Significa que o que estamos a dizer não é *exatamente* a mesma coisa. É *mais ou menos* a mesma coisa. É um humilde meio linguístico para fazer comparações. É um reconhecimento de que o mundo não é a preto e branco e de que as pessoas só se entendem aproximadamente. Percebem o que estou a dizer?

Seja como for, o Brainbox diz que gostava de ser o R2-D2. Tipo, sim. Um robô que ninguém consegue entender exceto o C-3PO? Claro.

Jefferson:

— Na verdade, acho que o R2-D2 é o verdadeiro herói do filme.

Eu:

— Porquê?

Jefferson:

— Bem, ele *está* a transportar os planos da Estrela da Morte, não é? *Ele* ejeta-se do *Rebel Blockade Runner*, e depois *ele* certifica-se de que é comprado pelo Luke, e depois *ele* foge e encontra o Obi-Wan. *Ele* arranja o *hyperdrive*. No final, ele é *alvejado pelo Darth Vader*, mas sobrevive ainda assim. A sério, é a personagem mais completa da história.

Eu:

— És mesmo C-3PO.

O Jefferson continua a suspirar e a dizer *tsk-tsk* enquanto vê o filme, por algum motivo, e atira uma pedra ao ecrã quando o tipo verde tenta alvejar o Han Solo no bar. A galáxia muito distante ondula. Nem pergunto o que se passa.

Em vez disso, a minha mente vagueia até um lugar onde não quero ir. Como um drogado à procura da sua dose.

É dois anos antes e a Doença acaba de nos atingir.

A minha Mãe trabalha sem parar no hospital, a tentar conter o fluxo de pacientes. Mas agora o Charlie apanhou a Doença e ela está em casa. Agora mal consegue cuidar de si própria — também A apanhou. Parece que todos os adultos da cidade A têm. A televisão está sempre ligada, a tagarelar como um lunático no meio da sala. Diz que a Doença se está a espalhar por todos os EUA e que já há relatos do primeiro caso na Europa.

A minha mãe está a vomitar num canto qualquer. A febre do Charlie está incrivelmente alta.

— Vou morrer? — pergunta-me o Charlie, à beira das lágrimas.

— Não, querido, não vais morrer. — Estou a limpar-lhe a testa enquanto lhe minto. Não sei porque é que estou viva e não estou afetada, enquanto ele está doente. — Queres mais um pouco de água?

— Não — diz ele com a sua vozinha débil. — Quero que te enrosques em mim. Enrosca-te em mim até eu me sentir aconchegado?

Assinto e as lágrimas voltam. Deito-me na cama dele e abraço-o.

— Tenho medo de adormecer. Tenho medo de não acordar.

Também eu. Mas digo:

— Vai correr tudo bem, querido. Vais melhorar. Dorme. Descansa um pouco. — E abraço-o enquanto ele adormece pela última vez.

## JEFFERSON

Mesmo no meio da distorção espaço-temporal do hiperespaço, os estertores da morte do planeta Alderaan atingem o velho Jedi. Ele cambaleia e senta-se. Luke pergunta-lhe o que se passa.

— É como se milhões de vozes subitamente gritassem de terror e fossem silenciadas de repente. Sinto que aconteceu algo terrível.

Podes crer.

O Brainbox não me deixa ver o filme e comer em paz. Está fixado numa cruzada tola.

— Isso é muito longe, meu — digo.

— O que é que é muito longe? — pergunta a Donna, que regressa de ir buscar mais uns restos de porco, fingindo que está a ir limpar os pratos dos outros.

— O Edifício Principal — diz o Brainbox.

— Do quê?

— Da Biblioteca Pública.

— Com os leões?

— Sim.

O Brainbox não olha a Donna nos olhos. Em vez disso, faz o mesmo de sempre, que é rodar o botãozinho de plástico do seu rádio de emergência também de plástico e saltitar entre estações, que também só emitem estática porque toda a gente está morta.

— *Já leste* todos os livros da Bobst? — pergunta a Donna.

— Pensa, Donna — responde o Brainbox. — Como é que eu podia ler todos os livros da Bobst? Têm mais de um milhão de tí...

Interrompo o comentário pedante do Brainbox antes que ele nos afogue. — O Brainbox encontrou um *abstract*.

— O que é isso? O contrário de um concreto?

— Um *abstract* é um resumo de um artigo científico — explica o Brainbox.

— A-hã. Fantástico?

— O Brainbox acha que tem alguma coisa que ver com O Que Aconteceu — digo.

— Oh *isso* — diz a Donna.

— Só existe uma lista de *abstracts* na Bobst. E claro que os computadores não funcionam. Portanto preciso de ir ao edifício principal para descobrir o que diz o artigo.

— Conta-lhe sobre o que é o *abstract* — digo.

— Chama-se «O Risco dos Efeitos Wexelblatt em Agentes Enilikoskotónicos».

A Donna parece entusiasmada.

— Porque é que não disseste logo!

O Brainbox não sabe como reagir. Não faz sentido usar ironia com ele.

— Duas horas para ir e voltar — digo.

— Ah, não obrigada — responde a Donna. — Ouvi dizer que a biblioteca está assombrada.

— Onde é que ouviste isso?

— Não sei — diz a Donna. — Por aí.

— Os fantasmas não existem — digo.

— Como queiras. — Depois ela acrescenta: — Procura no Google, pá. — É uma piada muito popular na nossa tribo. Dizemo-la quando percebemos o pouco que sabemos e o quanto pensávamos que sabíamos muito antes de a Internet morrer.

— Conta-lhe o que quer dizer «Enilikoskotónico», BB.

— Quer dizer que «mata adultos».

— Também matou miúdos.

O Brainbox encolhe os ombros.

A Donna não diz nada, mas percebo pela sua expressão que fica um pouco abalada. Sou um especialista na leitura das expressões faciais da Donna.

Ela não sabe, mas adoro olhar para ela.

Tendo deixado claro o seu ponto de vista, o Brainbox volta a brincar com o rádio de corda. Roda a pequena manivela, depois puxa o botão para cima e para baixo. Estática.

O Wash aparece. Tem vestido um *smoking* e deve ter-se dado ao trabalho de ferver água porque fez a barba.

Tenciono celebrar o décimo oitavo aniversário com estilo.

Ouvem-se aplausos, a guitarra começa a tocar o «Parabéns a você» e toda a gente canta. Mas a celebração é feita com pouco ânimo. A música tem um lado perverso. Já ninguém tem o mau gosto de cantar a parte que diz «muitos anos de vida».

Nessa altura toda a gente se cala, percebendo que provavelmente não terá mais anos de vida.

E assim, eu levanto-me e grito «MUITOS ANOS DE VIDA!».

E a guitarra volta à vida e a música recomeça. Mas agora as pessoas estão a cantar com verdadeiro entusiasmo, aquela velha canção folclora, a berrá-la. E, subitamente, todos estão a abraçar-se. E as pessoas estão a chorar. O Brainbox está a abraçar o Wash e o Peter está a abraçar o Wash, e toda a gente o está a rodear e ele está a certificar-se de que abraça toda a gente, os que conhece melhor, os que não conhece tão bem, os que ama e os que não ama.

Aproxima-se da Donna e olha-a nos olhos, e é «adeus, não quero estar sozinho». Ou melhor, ele não o diz, mas eu *sei*, e depois abraça o Brainbox e eu vejo «adeus, lamento não poder continuar a protegerte», e depois dirige-se a mim e vejo, «adeus, eu sei que não queres que as coisas sejam assim, mas isto é um adeus, maninho, adeus».

E é adeus, adeus, *adeus*. Adeus meus amigos, amo-vos, adeus, lamento não vos ter conhecido melhor; adeus, lamento que também vocês vão morrer em breve, adeus, talvez haja esperança para vocês, adeus, adeus, adeus.